

# Gestos de subjetivação: as dificuldades para realizar uma história do corpo e da sexualidade

## **Fausi dos Santos**

União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo -  
UNIESP, Bauru, Brasil  
fausifilo@hotmail.com

## **Maria Regina Momesso**

Colégio Técnico Industrial da Universidade Estadual Paulista,  
Brasil  
maryqueenmomesso@gmail.com

## **Paulo Rennes Marçal Ribeiro**

Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Estado de São Paulo, Brasil  
paulorennes@fclar.unesp.br

## Resumo

O artigo apresenta, a partir da Análise do Discurso de linha francesa, diferentes gestos de leitura e interpretação sobre o corpo e a sexualidade em variados momentos da história. Demonstra que tais gestos de leitura são frutos da experiência que cada sociedade estabelece sobre os seus valores e normas culturais em cada época, seja nas primeiras civilizações com a economia do sexo para o controle da natalidade e a sobrevivência do grupo ou o cristianismo medieval no controle do sexo na luta contra o pecado. Cada sociedade, segundo Michel Foucault, estabelece um regime de saberes e poderes que ordenam e classificam o tipo de corpo e cidadão que deseja, foi assim na cidade guerreira de Esparta com seu regime de saberes na formação do soldado ou em Atenas com o regime democrático na formação do político ou ainda na sociedade contemporânea, na formação do corpo de proporções perfeitas que atendam as determinações do mercado.

**Palavras-chave:** Corpo; sexualidade; poder; sociedade.

## Abstract

The article presents, from the Analysis of French Discourse, different gestures of reading and interpretation of the body and sexuality at various times in history. It demonstrates that such gestures reading are the fruit of experience that each society sets about their cultural values and norms in each period, both in the first civilizations to the economy of sex for birth control and the survival of the group and in the Medieval Christianity control of sex in the fight against sin. Each society according to Michel Foucault, establishes a system of knowledge and power to order and classify the type of body and citizen you desire, like the city of Sparta with its regime of knowledge and training of the soldier and in Athens with the democratic regime in the formation of the political, or contemporary society in the formation of the body of perfect proportions that meet the stipulations of the market.

**Keywords:** Body; sexuality; power; society.

É absolutamente impossível uma história do Corpo e da Sexualidade quanto evento linear e ordenado ao longo das diferentes épocas. Qualquer interpretação esbarra nos diferentes gestos de leitura utilizados em variadas culturas e civilizações como processo de simbolização e busca de significado dessa dimensão tão íntima no ser humano. Incontáveis são os caminhos e variadas as formas de abordagem sobre a construção e reconstrução da noção de corpo e de suas produções em todas as épocas. Existiram culturas que subjetivaram o corpo pelo viés religioso, outras tantas o dimensionaram pelas produções biológicas e sexuais, outras ainda pela arte e contemplação estética, muitas o observaram pela medicina e o olhar fisiológico, algumas vendo nele a fonte e a origem do mal e outras tantas como canal ou porta de libertação da vida terrena.

O corpo é múltiplo em produções de efeitos de sentido ao deixar em cada época seu traço e significado e ao trazer registrado em si, o símbolo e a marca de uma época ou de um conjunto de valores. É o corpo do Rei que traz a marca do poder no manto sobre os ombros, a coroa signo do

domínio sobre a cabeça e o cetro real em uma das mãos como sinal de controle e pastoreio. Ou ainda, é o corpo do guerreiro africano que no ritual de iniciação deve trazer as marcas da ruptura de nível. Sinais da quebra de uma situação anterior de criança para o corpo do guerreiro, pronto para a batalha e o casamento, por isso seu corpo é o templo que deve carregar os sinais de sua nova condição, sejam nas marcas do rosto feitas com ferro quente, no furo da orelha e do nariz ou ainda nas chicotadas por todo corpo que marcarão para sempre o evento de morte para uma condição anterior e o renascimento para uma situação posterior.

De fato, mesmo o corpo humano contemporâneo também traz em si os traços dos valores e saberes de uma época, pois hoje o corpo mais do que nunca é a vitrine do sucesso ou do fracasso de alguém, sendo mensurado e formatado a todo instante em padrões e referenciais unívocos que devem ser almejados e desejados por todos. A medicina, a moda e o mercado se apossam do corpo e sobre ele constroem a noção do corpo como produto. O corpo como objeto, constructo ou esboço das clínicas estéticas onde é medido, cortado e moldado. O corpo das academias que é recriado por exercícios físicos, tonificado e hipertrofiado ao extremo, ao ponto de se tomar proporções artificiais. Ou ainda, o corpo das dietas, que em função de uma cultura da magreza, se submete a regimes pesados e violentos que testam os limites da anorexia e da bulimia, inserindo o indivíduo em uma ditadura das disciplinas do peso.

Portanto, o corpo e suas produções marcam e criam identidades perenes em diferentes épocas por meio de discursos que estabelecem saberes e legitimam poderes. A historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna escreve a esse respeito,

*território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infundáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia mas, ao mesmo tempo, escondê-los. Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos Homens: na verdade, um corpo é sempre "biocultural", tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual (Sant'Anna, 2004 p. 3).*

Por possuir essa dimensão biocultural, a história do corpo é feita de rupturas, ondulações e cismas, pois cada sociedade desenvolveu instituições (família, educação, justiça, Estado, política, etc) a fim de estabelecer determinadas relações de poder não somente para o controle sobre os corpos, mas também para orientá-los, educá-los e discipliná-los a um ideal de Homem ou cidadão/ã que cada sociedade almejava socialmente.

De fato foram desenvolvidos em cada cultura gestos de interpretação do corpo. Justamente pelas mudanças em sua forma, peso e desejos que muitas vezes o faz ser um objeto de estranhamento ao próprio indivíduo que não se reconhece no próprio corpo. Esta multiplicidade de produções, que afloram e desaparecem, arrastam o indivíduo a determinadas atitudes e escolhas e o limita nos desejos e fantasias da mente. É o que dá origem a um conjunto de saberes e poderes em diferentes povos, como tentativa de racionalizar e ordenar por meio de preceitos de ensino e aprendizagem a violenta e muitas vezes anárquicas produções do corpo e de suas expressões. Gestos revestidos com técnicas específicas para controlar, ordenar, e fazer circular por meio do corpo os saberes e valores daquilo que uma determinada cultura estabelece como verdadeiro.

Como bem afirma Sant'Anna (2004, p. 4),

*são antigas as tentativas de minimizar os efeitos do que é desconhecido nos corpos. Da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, a vontade de manter o próprio corpo sob controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza a história de numerosas culturas.*

Os mecanismos de controle sobre os efeitos desconhecidos dos corpos desenvolvidos por cada cultura passa necessariamente como bem afirma Sant'Anna por diferentes disciplinas educativas com a função de domesticar e civilizar as pulsões e desejos primitivos. Talvez um dos mecanismos de controle mais antigos seja a religião, pois quando se analisa a relação do ser humano primitivo com o corpo e a sexualidade é notado o papel que os preceitos religiosos irão exercer sobre a economia do corpo.

O historiador Peter N. Stearns, autor da obra *História da Sexualidade* (2010), afirma que o advento das grandes religiões nas diferentes civilizações antigas foi decisivo na mudança de postura do homem coletor, caçador sobre seu corpo e o sexo. Os preceitos religiosos deram origem à moral do controle sobre o corpo. Afirma Stearns a respeito da ação das religiões nas primeiras civilizações humanas,

*o advento das grandes religiões teve impacto decisivo sobre a sexualidade, em alguns casos propiciando novas justificativas e normas para padrões já estabelecidos, e em outras instâncias introduzindo consideráveis mudanças – por exemplo, nas maneiras de encarar a homossexualidade (Stearns, 2010, p. 19).*

No entanto, conforme Stearns, a ação das religiões sobre os povos antigos se dá muito mais com a preocupação com o controle da natalidade e na ordenação da poligamia ou monogamia do que propriamente na atenção ao corpo e suas pulsões sexuais. A necessidade de sobrevivência dos pequenos grupos humanos, a atenção ao alimento, água e segurança eram os componentes mais importantes para esses grupos e não a atenção aos perigos dos desejos do sexo, ou as proibições aos prazeres, tais características poderiam circular livremente entre os indivíduos.

*O estilo de vida nômade e as limitadas fontes de comida impediam qualquer desejo de ter muitos recém-nascidos e impunham, também, uma necessidade de espaçar os filhos em intervalos de sete anos. A importância do sexo para procriação era óbvia, conforme é sugerido em grande parte da arte primitiva; contudo, em demasia o sexo para a procriação era um perigo (Stearns, 2010, pp. 25-26).*

Segundo Stearns, o conjunto de saberes desenvolvido pela religião na antiguidade se concentra em práticas ritualísticas para diminuir a fertilidade do homem e da mulher a fim de controlar a natalidade e não no combate ao prazer e ao desejo. Práticas de anticoncepção eram veiculadas com frequência para evitar o descontrole demográfico. Técnicas tais como: a mulher amamentar seu filho por longos períodos, até seis anos de idade ou mais. Isso garantia alimento para a criança e também restringia a capacidade da mãe de dar à luz outro filho. Outra técnica contraceptiva envolvia a consciência da fertilidade por parte da mulher, ou seja, a mulher monitorava seu ciclo menstrual de modo a evitar relações sexuais durante os dias de pico da fertilidade. Por fim, os casais podiam simplesmente abster-se do sexo, ou pelo menos do sexo com penetração, por longos períodos. Stearns afirma ainda, que além desses métodos outros tantos foram desenvolvidos, como o uso de

ervas para banhos de assento para a mulher, chás e compostos para diminuir a fertilidade, entre outras técnicas.

Sobre o uso de elementos naturais como anticoncepcionais vale ressaltar que variadas culturas sempre trataram o corpo e as doenças por meio de variadas substâncias retiradas da natureza. Sant'Anna descreve que tal prática está ligada à visão do corpo como um microcosmo no seio do macrocosmo, ou seja, o corpo em si é uma realidade unitária que traz em si todos os elementos presentes no meio ambiente,

*inúmeras culturas do passado trataram do corpo doente com chás caseiros, alimentação natural e medicamentos não-industrializados. Para elas, a natureza deveria ser uma referência essencial ao conhecimento e ao cuidado dos corpos. [...] durante séculos, a natureza serviu de referência fundamental à vida humana: a medicina se misturava à astrologia enquanto a saúde dependia de vários fatores externos, incluindo as características das estações do ano e as variações do clima. [...] Hipócrates era particularmente sensível à ideia de que a natureza condicionava a saúde humana: é a natureza que cura o Homem (Sant'Anna, 2004, p. 7).*

Tais atividades pedagógicas no controle da natalidade restringiram de certa forma a livre circulação do sexo nas primeiras sociedades. No entanto, a restrição ao corpo erógeno não se confunde com a rejeição ao sexo propriamente dito, uma vez que rituais agrícolas ligadas a divindades da terra e da fecundidade eram bem comuns nesses primeiros grupos.

Segundo Stearns, um exemplo desse gesto de valorização do corpo e da sexualidade encontra-se na figura feminina da Vênus de Willendorf (2500 a 2000 a.C) encontrada na Áustria. Trata-se de uma estatueta em pedra, sem rosto e de formas avantajadas que sugerem atributos considerados eróticos, como boa saúde e capacidade reprodutiva. A imagem valoriza a mulher como centro da cultura agrícola dos primeiros povos, bem como da singular importância dada ao corpo e ao sexo como porta de acesso entre a fertilidade da mulher e a fecundidade da terra.



**Figura 1 - Vênus de Willendorf**  
**Fonte:** Galeria de fotos Wikipedia

Dessa forma, se percebe a grande quantidade de gestos de leitura e interpretação utilizadas no entendimento do corpo e de suas produções. Em diferentes povos e momentos da história variados posicionamentos discursivos foram tomados no entendimento das produções subjetivas do corpo. Culturas tão diversas criaram técnicas de si para ordenar e controlar desde as pulsões até as ideias e poderes exercidos pelos corpos. Como bem afirma Sant'Anna (2004, p. 4),

*assim, diferente de uma história do corpo, talvez seja mais instigante e viável realizar investigações sobre algumas das ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos. Pois cada vontade de manter o corpo sobre controle, por exemplo, é constituída por fragilidades e potências, expressando especificidades e generalidades culturais.*

Analisar os gestos de subjetivação sobre o corpo e a sexualidade a partir do conceito das Relações de Poder<sup>1</sup> utilizadas por diferentes culturas a fim de governar e organizar os interesses pessoais e coletivos sobre os corpos torna mais interessante o percurso da análise. Os componentes de poder e saber que circulam entre os corpos e modalizam suas produções confere maior entendimento no processo do corpo e da sexualidade como território de transição simbólica.

## 1. Relações de poder: gestos para controle do corpo e da sexualidade

Michel Foucault (1926-1984) trata das relações de poder e constata que toda sociedade ordena os discursos que são elaborados pelos indivíduos a fim de diferenciar e fazer circular os bons discursos que contribuem para a estabilidade da sociedade, daqueles que são censurados, excluídos e postos numa posição marginal perante o grupo. Como afirma Foucault na obra *A ordem do Discurso*,

*suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (Foucault, 2001, p. 2).*

Para Foucault, o poder em todas as sociedades, está ligado ao corpo. É sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. Uma organização pastoral é construída para fazer circular entre as pessoas e grupos o poder, por meio do mecanismo da disciplina. A finalidade desse conjunto de disciplinas é controlar e ordenar o corpo. É sobre o corpo que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. É sobre o corpo que o poder circula livremente, saltando nas relações familiares, passando pela escola, adentrando o universo dos saberes científicos e políticos e vindo a tona nas relações do Estado. Daí surge a noção de docilidade, o corpo dócil pode ser submetido, utilizado, transformado, aperfeiçoado em função do poder.

Nesse sentido, descreve Foucault:

---

<sup>1</sup> O conceito Relação de Poder pertence ao Filósofo Michel Foucault. Para Foucault, o poder não existe, o que existe são as relações de poder. No entender de Foucault, o poder é uma realidade dinâmica que ajuda o ser humano a manifestar sua liberdade com responsabilidade. A ideia tradicional de um poder estático, que habita em um lugar determinado, de um poder piramidal, exercido de cima para baixo, em Foucault é transformada. Ele acredita no poder como um instrumento de diálogo entre os indivíduos de uma sociedade. A noção de poder onisciente, onipotente e onipresente não tem sentido na nova versão, pois tal visão somente servia para alimentar uma concepção negativa do poder.

*as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre o que sabe e o que não sabe, entre pais e filhos, na família. Na sociedade há milhares, milhares de relações de poder, e, por conseguinte, relações de forças, e assim pequenos enfiamentos, microlutas por assim dizer (Foucault, 2009, p. 239).*

As relações de poder para Foucault não se processam apenas por meio das Instituições sociais, mas antecedem a tarefa ordenadora destas, começando pela família, na relação entre pais e filhos. É na célula familiar que as primeiras disciplinas são aplicadas ao corpo da criança, seja na educação higiênica, no tratamento e cuidado do corpo, na postura que se toma em diferentes espaços: na mesa, no quarto, em como se portar perante os outros, em esconder e inibir os genitais, ou ainda, em que tom de voz se deve falar e que tipo de assunto deve se ignorar ou calar. A ação pedagógica exercida pelas disciplinas familiares será, segundo Foucault, o traço decisivo para a postura e apresentação de si de um indivíduo, pois as relações de poder e o conjunto de saberes instituídos sobre seu corpo figurarão como uma impressão ou carimbo que ele levará para a vida.

Talvez sejam nas Instituições sociais que as relações de poder sobre o corpo se mostram tão evidentes e sintomáticas, pois cada sociedade parte de um conjunto de saberes e valores que utiliza como base para formar o tecido social. Todos os gestos discursivos educacionais, valorativos e religiosos serão empenhados por essas Instituições (Estado, família, escola, justiça, medicina, religião) para efetivar e fazer circular tais conjuntos de saberes. Portanto, uma sociedade mulçumana, por exemplo, utilizará o conjunto de saberes inscrito no Alcorão para ordenar os gestos educacionais e valorativos sobre os corpos e a sexualidade de seu grupo. Uma sociedade medieval ancorada nos preceitos da ética cristã, utilizará o conjunto de saberes judaico-cristão inscritos na Bíblia e nos dogmas eclesiásticos para ordenar e racionalizar o tipo de Homem e as classes sociais a qual ele fará parte.

Ainda sobre as relações de poder, Foucault, em sua obra *História da Sexualidade* (1984), no que tange ao controle que a Igreja exercerá sobre corpo e o sexo na Idade Média, afirma que coube ao cristianismo assumir o trabalho pastoral na educação e controle das pulsões sexuais. A emergência da vigília sobre as pulsões e paixões produzidas pelo corpo tem um sentido de ser, sendo o corpo substância corrompida pelo pecado original, marcado por forças enigmáticas e fortes suficientes para afastar o ser humano do caminho da salvação. O corpo deve ser submetido a um conjunto de disciplinas de mortificações físicas e espirituais, seja na autoflagelação, com o chicote ou silício, nas orações seguidas de jejum e abstinência absoluta de comida ou prazeres da carne. Tais economias disciplinares ascenderiam a alma em relação aos limites do corpo e levaria a pessoa à transcendência. O corpo nesse sentido seria um obstáculo a ser superado, anulado em prol de um bem ou substância maior, a alma.

Afirma Foucault (1984),

*[...] em todos os países católicos, acelera o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – em detrimento, talvez, de alguns outros pecados – a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve ser mais mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasia lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito na confissão (Foucault, 1984, p. 23).*

A ação vigilante que a Instituição Católica exerce sobre o corpo e a sexualidade demonstra grande repressão sobre as expressões sexuais. A função do confessor em ouvir, instruir e aplicar a penitência e as restrições espirituais sobre os crentes produz todo o conjunto de saberes e técnicas de si que devem ser seguido à risca por todos a fim de superar as investidas da carne.

Contudo, tal concepção de saberes restritivos ao corpo e à sexualidade não podem ser atribuídos apenas ao cristianismo medieval, uma vez que na filosofia platônica encontra-se a origem de tal dualismo entre corpo e alma. Evidente que os efeitos de sentido no mundo grego são outros, lá não se combate o pecado, mas sim a *doxa* (a opinião, ou ilusão presente na matéria composta de multiplicidade e erro) em função da *episteme* (conhecimento racional e verdadeiro, baseado no exercício intelectual ou espiritual) único meio do ser humano atingir a sabedoria e a verdade (*arché*) libertando se da matéria.

Platão (427-347a.C.) desenvolveu em sua filosofia uma dicotomia se comparada aos demais pensadores de sua época, pois estabeleceu uma clara oposição entre o corpo e a alma (aqui entendido como faculdade de pensamento). Tanto os filósofos pré-socráticos, como Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, considerados os pais da filosofia, como os próprios estoicos e epicuristas não fizeram menção alguma da oposição dessas duas substâncias. Ao contrário, existe ainda nos traços da filosofia pré-socrática a concepção *monista* do cosmos, ou seja, tudo é um, corpo, alma, natureza e divindade.

O filósofo Giovanni Reale na obra *Corpo, alma e saúde: o conceito de Homem de Homero a Platão* (2002), descreve que em muitos escritos Platão demonstrou a oposição substancial do corpo e do espírito. Afirma Reale,

*para ele [Platão], de fato, em muitos diálogos, o corpo é não só e não é tanto um “instrumento” a serviço da alma, e portanto algo sem o qual a alma não poderia exercitar as suas funções, mas é algo antitético à alma, e, sob certos aspectos, um obstáculo às funções que lhe são próprias. O Homem para Platão e, portanto, em duas dimensões, ou seja, é constituído por dois componentes, sob certos aspectos em nítida antítese entre si (Reale, 2002, p. 175).*

Segundo Reale, essa concepção dualista é apresentada, particularmente, no Fédon, mas é reafirmada em outros diálogos – por exemplo, no Górgias, no Crátilo e no Fedro.

Platão concebe um conjunto de procedimentos ou disciplinas como forma de libertar a alma do corpo, entendido por ele como “túmulo” da alma. No Crátilo, Platão discute a imagem do corpo como



túmulo, baseando-se na correspondência *soma* (corpo) com o termo *sema* (túmulo), que se diferencia só pela variação de uma letra. Tal concepção repousa na ideia de que a substância que compõe o corpo é inferior se comparada à substância da alma, que uma vez encarnada (alma) nesse túmulo (corpo), passa por um processo de esquecimento. Daí a necessidade do exercício filosófico do pensamento crítico, como uma forma de libertação dos vícios do corpo, aproximando a pessoa humana de sua realidade primeira que é o conhecimento que já se encontra na alma.

Reale, ao analisar o corpo em Platão como sede ou origem do sofrimento e dos males, afirma,

*no Fédon sublinha-se nitidamente o aspecto negativo do corpo, com as afirmações seguintes: os sentidos são um impedimento à alma no que se refere tanto à vida moral quanto à vida cognoscitiva. O corpo, de fato, é apresentado como fonte de paixões, de medos, de todo gênero de vaidade. Do corpo, explica Platão, derivam os desejos de riqueza, e, conseqüentemente, o corpo é causa de guerras. Para conhecer o ser e para emancipar-se de todas as paixões, a alma deve libertar-se do corpo; e é a morte que liberta de modo total (Reale, 2002, pp. 178-179).*

O pensamento é a única forma de buscar a ascese da alma. A purificação viria pelo exercício filosófico, por meio do abandono das opiniões, frutos do conhecimento do senso comum, ligado à matéria e as multiplicidades do mundo sensível. O próprio corpo, com suas faculdades e desejos deve ser cuidado, a fim de buscar a harmonia entre as pulsões e vontades e o sentido maior que é a busca da sabedoria imaterial encontrada no mundo das ideias. Somente o exercício do raciocínio, mantendo uma relação de controle sobre os prazeres do corpo desligará a pessoa dos vícios materiais.

Por isso, as relações de poder exercidas pela cidade-Estado com o uso das disciplinas teriam como função preparar o cidadão da polis ao ideal da sabedoria. O essencial cuidado do corpo por meio da ginástica e a medicina tão valorizados no desenvolvimento educacional do indivíduo possui uma razão pedagógica apenas, que é harmonizar as proporções do corpo por meio da saúde física para que as virtudes da alma possa se manifestar de forma livre e desimpedida.

## **2. Corpos vibrantes: relações de poder na formação do corpo e da sexualidade ideais**

Sobre o uso das relações de poder e os regimes de disciplinas utilizados para formar a noção de corpo ou de sujeito, vale lembrar que diferentes culturas utilizaram tais relações para produzir o ideal de corpo e as funções sexuais mais adequadas às suas necessidades valorativas e morais. Michel Foucault, em seus trabalhos orientados em direção a uma “genealogia do sujeito” (que é ao mesmo tempo, uma genealogia do sujeito moral e do sujeito do desejo), descreve no volume três da *História da Sexualidade* (2007), que as diferentes épocas produziram gestos de leitura peculiares sobre a formação do sujeito e as formas de seu corpo, pois a noção de “eu” se diferenciava bastante, dando origem a variadas “técnicas de si”.

Já na mitologia grega existiram narrações que propunham gestos e economias de restrição ao corpo e ao sexo. Um dos mais célebres mitos da antiguidade, escrito pelo poeta Sófocles (497-406), intitulado *Édipo Rei*, narra a trágica história de Édipo que deve cumprir o destino (moira) de matar o pai e casar-se com a mãe. Por mais que Édipo fuja de tal maldição acaba por cumpri-la, pois para os Gregos do destino ninguém escapa. O preço pelo parricídio e o incesto com a mãe é por um lado a

loucura de Jocasta que acaba por se enforcar e por outro, Édipo que perfura os próprios olhos pelo fato de ter contemplado o corpo nu da mãe.

O sentido moral do mito sugere uma economia de proibições e inibições para as tribos gregas divididas em pequenos vilarejos. Simbolicamente trabalha com a ideia de que ninguém deve levantar a mão aos pais e muito menos tocar o corpo de um parente próximo, sob pena de maldição dos deuses.



**Figura 2** - Diálogo de Édipo com a Esfinge  
**Fonte:** Arquivo Wikipedia

O Mito de Édipo é tão rico em seus efeitos de sentido que desprendeu o interesse de Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, que interpretou suas diferentes características ligadas ao inconsciente e desenvolveu as bases do funcionamento cognitivo.

Outro exemplo sobre os regimes de saber e poder eram aqueles que circulavam em Atenas berço da democracia. As disciplinas de saberes e poder orientavam a formação do corpo do cidadão político, amante da sabedoria e das virtudes da moderação. Todo esforço das Instituições - Estado, família, educação, religião - focava os exercícios de pensamento, a arte da retórica pelos sofistas e os estudos da arte, principalmente da música, e os estudos sociais. O resultado era a formação do corpo aristocrata ou do rei filósofo.

Da mesma forma Esparta, ao utilizar as duras regras disciplinares sobre os corpos de homens e mulheres para a formação do cidadão guerreiro. Para tal objetivo, retirava os meninos aos sete anos da casa familiar, e em rígida disciplina militar eram submetidos a exercícios físicos e mentais, eram testados na fome e na sede, praticavam esportes a fim de modelar o corpo, eram afastados de determinados prazeres como o sexo com mulheres a fim de não perderem a força vital (espermatikós ou semente) no ato da cópula,

*a militarista cidade-Estado de Esparta oferecia algumas variantes incomuns do padrão tradicional: os homens eram tirados ainda bem jovens, de suas famílias e treinado na companhia de outros homens, e só visitavam as esposas (depois que ocorria o casamento) de maneira errática e pouco frequente, e com ênfase na importância da reprodução. As mulheres espartanas tinham um pouco mais de liberdade de movimento público do que as demais gregas, mas apenas como condição de comprometimento com a reprodução a serviço do Estado (Stearns, 2010, p. 57).*

Também as mulheres espartanas praticavam atividades físicas a fim de manterem a boa forma física e realizar várias funções sociais, como por exemplo: parir filhos fortes e saudáveis (os nascituros portadores de anomalias físicas eram mortos) e defender a cidade-Estado caso o exército de homens caíssem perante o inimigo. O fim de tais regimes disciplinares era a formação do corpo do guerreiro espartano, tão temido e admirado por outros povos na Grécia.

Segundo o historiador Harmony Heffron (2009) as mulheres espartanas possuíam privilégios inexistentes em outras Cidades-Estado gregas,

*contudo, às mulheres espartanas eram concedidos muitos mais privilégios do que a outras mulheres da sua época, porque os homens de Esparta contavam com mães fortes, orgulhosas e corajosas para produzir fortes, orgulhosos e corajosos soldados. [...] Elas treinavam frequentemente e participavam em corridas, provas de força, e lançando o disco e dardo. Na verdade, a primeira mulher a vencer a Olimpíada foi uma espartana. O seu nome era Cynisca e ela ganhou a corrida de quadriga, tanto em 396 A.C como em 392 A.C. [...] As mulheres espartanas tinham permissão de possuir propriedade e foram responsáveis por controlar as propriedades dos seus maridos, quando estes estavam na guerra. Elas também eram instruídas, uma prática que era quase inédita na época. Os outros gregos ficavam frequentemente muito chocados com a sagacidade e a “língua rápida” das mulheres espartanas (Heffron, 2009, p. 55)*

A sociedade feudal na Idade Média é outro modelo do uso de regimes disciplinares na formação de corpos e sujeitos específicos na ocupação de cargos e ofícios próprios na divisão das classes sociais. O conjunto de saberes de cunho contemplativo e universal, firmado sobre revelação divina e aplicado pelo magistério católico perpassa todas as classes sociais, desde a nobreza, com seus duques, marqueses, condes, cavaleiros e barões até o camponês ligado ao feudo e com os ofícios manuais. Educação específica para a formação do corpo de um homem com função específica. Segundo essa visão orgânica da sociedade, a partir de uma divisão tríplice da sociedade entre clero, a nobreza e o camponês, o que refletia era a visão ideológica de uma sociedade de ordem criada divinamente e dividida entre os que rezam (o clero), os que lutam (a nobreza) e os que trabalham (os camponeses), doutrina instituída pelo clero e caso se afastasse dela seria um crime não só contra a ordem social, mas também contra Deus.

Denise Sant’Anna (2004), afirma a necessidade da atenção e cuidado sobre as noções do “eu” e sujeito existentes em cada época, especificamente entre o eu existente na Antiguidade e o eu produzido na sociedade medieval, tais noções trazem características e gestos simbólicos específicos de leitura e interpretação. Diz Sant’Anna nesse sentido:

*Ao mesmo tempo, existem muitas diferenças entre as duas épocas no que tange ao modo de conceber e de produzir “as técnicas de si”, conforme expressão de Foucault. Antes dele, essas técnicas haviam sido nomeadas “exercícios espirituais”, por Pierre Hadot. Nesses exercícios, a noção de “eu” se diferencia bastante daquela que conhecemos na época moderna. [...] Na Antiguidade, as noções de eu e de sujeito são bastante diferentes da nossa. Foucault mostra que houve uma lenta passagem de uma era em que a alimentação estava no centro das preocupações em bem administrar o corpo, para aquela em que, sobretudo a partir do século XII, a sexualidade ocupará este lugar central. Tendo em vista a transformação da sexualidade num problema que conclama a produção de saberes e de estratégias políticas de controle e de tratamento do corpo é que Foucault direciona os dois últimos volumes da História da Sexualidade (Sant’Anna, 2004, p. 15).*

Ora, se na Antiguidade a alimentação estava no centro das atividades sociais e somente a partir do século XII a sexualidade ocupará lugar central de importância, se questiona, qual espaço de interpretação e produção o corpo e a sexualidade ocupam na noção do sujeito contemporâneo? Quais gestos discursivos são utilizados na modernidade na formação da noção de sujeito, ou ainda, quais posicionamentos esse “eu” ocupa enquanto sujeito social?

### **3. Noções do corpo na modernidade - espaços de transição: do controle do saber científico ao controle do mercado**

Parece evidente a inversão na relação de poder e saber no controle do corpo e da sexualidade ocorridas a partir do século XVI no Renascimento. O corpo antes submetido à pastoral católica e inserido num contexto de sacralidade, na modernidade passa para um gesto de ordenação totalmente diferente, uma vez que se torna objeto do saber médico ou objeto de estudo da ciência.

Michel Foucault (1984) em sua *História da Sexualidade* descreve essa mudança conceitual, sendo o corpo e o sexo estudados quanto aos impactos que causam nas taxas de natalidade no espaço físico social,

*umas das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da “população”, como problema econômico e político: população-riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho (...). Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um “povo”, porém uma população com seus fenômenos específicos: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e de habitat. [...] No cerne desse problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os mecanismos legítimos e ilegítimos. A precocidade e a frequência das relações sexuais, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas (Foucault, 1984, p. 28).*

Segundo o argumento de Foucault nota-se um mapeamento detalhado do comportamento e espaço de transição que o corpo ocupa no tecido social, sendo monitorado de perto em seu comportamento e expressão. Um variado conjunto de regras e disciplinas de comportamento social é desenvolvido a fim de submeter o corpo ao saber e poder dessa sociedade cientificista.

Interessante notar que durante toda a Idade Média o corpo e suas manifestações sexuais eram classificados pelo saber religioso como sendo expressão do sensualismo diabólico, contendo o risco constante das paixões baixas tomarem conta das atividades racionais e espirituais e levar a pessoa à perdição. Portanto, todos os exercícios espirituais desenvolvidos pelo ensino da Igreja tinham como função lutar contra o pecado e controlar as pulsões orgânicas.

Já na modernidade, segundo Foucault (1984), o corpo e as manifestações sexuais são classificados de forma racional e científica, sendo utilizados novos estudos sobre as funções cerebrais, o sistema nervoso e a composição do sangue para dar sentido e respostas a tais manifestações libidinais.

Como descreve Foucault,

*poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar “do lado da extravagância”, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das “fraudes contra a procriação”, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes “crapulosos” e antinaturais [...], enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século XIX e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele (Foucault, 1984, pp. 32-33).*

Ou seja, todas as áreas do conhecimento científico tentam dar conta de qualquer produção subjetiva do corpo a partir de um horizonte de pesquisa ou análise. É desenvolvido um cabedal teórico extremamente fisicalista para responder ao corpo e suas manifestações, interpretando qualquer manifestação como fenômeno orgânico e físico, com técnicas específicas para a intervenção e a cura de tais disfunções.

Entre as várias áreas desenvolvidas nas ciências particulares no estudo e análise do corpo, talvez a medicina ocupe o espaço de maior intimidade e proximidade. Em nome da saúde do paciente o médico tem acesso irrestrito ao corpo. No consultório ou hospital o corpo do paciente se torna objeto de observação, sendo despido, posicionado de variadas maneiras na maca ou nos aparelhos de exame, sendo perfurado, aberto, medido e classificado em suas proporções. O ato médico está acima do pudor moral ou religioso, transcende as esferas do proibido ou restrito, desde que esteja dentro de uma ordem discursiva clínica, com um gesto de análise de olhar científico.

Ao partir dos efeitos de sentido do corpo monista (natureza, ser humano e divindade como sendo uma única realidade) nas sociedades Antigas, no qual existe a livre expressão das pulsões sexuais restringindo apenas o sexo quanto ao controle de natalidade. Ao passar à noção de sujeito da sociedade grega que deve ordenar e controlar o corpo pelo exercício do pensamento filosófico. Ao adentrar a sociedade medieval com o rígido controle do corpo pela pastoral e moral cristã e chegando à sociedade moderna que produz os sabres científicos analíticos a fim de desmitificar o corpo e suas

produções, dando ao saber médico, psiquiátrico e a justiça o controle e administração do corpo, dá-se um grande salto histórico para encontrar no século XX, um novo gesto de leitura e interpretação sobre o corpo e a sexualidade que tenta libertá-los das amarras ideológicas que os aprisionaram às Instituições do passado.

Segundo Denise Sant'Anna, é sintomático perceber como há uma tendência contemporânea, principalmente nos últimos sessenta anos, em se libertar das amarras, religiosas, temporais, morais e até científicas em nome de uma suposta liberdade individual e irrestrita.

Afirma Sant'Anna,

*evidentemente essa liberação não ocorre rapidamente e nem de modo completo. Mas é sobretudo no decorrer dos últimos cinquenta anos que a tentativa de tornar o corpo de cada um algo independente do patrimônio cultural e genético vem ganhando um número crescente de adeptos. Reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginástica, regimes etc – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes cidades quanto das pequenas cidades (Sant'Anna 2004, pp. 17-18).*

O século XX é marcado pela transição da concepção absolutista da ciência e do pensamento tecnicista que perdurou soberano até a metade do século XIX, para a concepção relativista filosófica pautada na crítica à ideologia burguesa e guiada pela ótica do lucro que instrumentalizou perversamente a natureza por meio da manipulação irrestrita dos recursos naturais e da exploração vexatória da mão de obra humana no circuito de produção. As características do neocolonialismo europeu na África e Ásia na Segunda Revolução Industrial revestido de argumentos civilizatórios, mas que escondeu puro interesse comercial na busca de mercado consumidor e matéria prima marcou profundamente a economia mundial dando origem ao conceito de globalização.

O uso do conhecimento científico possibilitou a criação de tecnologias inovadoras, como o dínamo, o motor de combustão interna e produtos variados em prol da qualidade de vida do ser humano. No entanto, a riqueza do desenvolvimento tecnológico não foi dividida entre as classes sociais de forma igualitária, acobertou, na verdade, a exclusão dos trabalhadores do circuito de produção no momento da automação das indústrias, não cumpriu a promessa da melhor qualidade de vida ao trabalhador pelo aumento da produção e da circulação de riqueza. Ao contrário, foi utilizada muita ciência e tecnologia para fins bélicos e expansionistas. Basta pensar as tecnologias que envolveram a Primeira e Segunda Guerras Mundiais e a tensão da Guerra Fria.

O fato é que grande parte da Europa adentra o século XX com franca suspeita da positividade dos bens conquistados por meio das tecnologias capitalistas que utilizavam o *saber científico*. Os grupos abastados da sociedade burguesa celebravam as conquistas e prazeres das tecnologias, o que se denominou *Belle Époque*, porém, a classe trabalhadora, que vendia sua força de obra ao detentor do capital se encontrava na absoluta miséria, desejando mudanças substanciais no tecido social. É no meio desse caldeirão da ascensão do sistema capitalista que surgem teorias revolucionárias como o Socialismo de Karl Marx e Friedrich Engels.

Frente a estas características relativistas no campo das ciências, da economia e da política surgem desde o início do século passado movimentos que propunham a libertação do corpo e da

noção de sujeito das amarras ideológicas da medicina e do saber clínico. Pensadores como Nietzsche e Bergson, criaram uma leitura de realidade em ampla ruptura com a concepção da filosofia e do pensamento clássico de origem grega, sedimentadas em ideias rígidas e fechadas sobre conceitos inquestionáveis (principalmente desenvolvidos por Sócrates, Platão e Aristóteles). O nascimento da própria psicanálise, por Sigmund Freud, traz os elementos das influências do inconsciente sobre a personalidade e elaboração da subjetividade humana, relativizando dessa forma os poderes absolutos da razão. Pensadores como Michel Foucault e Gilles Deleuze, lançaram questionamentos sobre as relações de poder e saber que orientam as estruturas sociais e que ordenam a ação do ser humano no meio social.

Segundo a historiadora Mary Del Priore (2011) em sua obra *Histórias Íntimas*, tais mudanças estruturais e de pensamento deram espaço para a liberação do corpo e da sexualidade, principalmente da mulher, em todos os espaços da vida social. O crescimento da população, a dinâmica da vida acelerada nas cidades em prol da produção industrial, os avanços nos métodos anticoncepcionais como a pílula anticoncepcional impulsionou o advento de novos gestos e ações sociais.

Afirma Del Priore que o século XX inventou o corpo, mas um corpo novo e exibido, um corpo íntimo e sexuado que lentamente iria afrouxar as disciplinas rígidas do passado em benefício do prazer. O corpo enquanto instrumento do prazer, sexuado e ativo, não como um conjunto passivo de órgãos composto de uma anatomia e fisiologia, mas sim o corpo desejante e sedento por liberação livre de suas pulsões.

Descreve Del Priore sobre a liberação do corpo,

*com o afrouxamento dos controles, o corpo feminino apto para o prazer descobriu-se. As mulheres começaram a se despir para praticar esportes, para dançar, para atuar nos palcos ou para vender-se. Um dos aliados foi a lingerie. O campo do erotismo ganhou muito com o desenvolvimento da indústria têxtil no início do século XX. [...] A descoberta da borracha permitiu a confecção de uma espécie de cinta, mais fácil de enfiar do que os espartilhos. Da cinta para o sutiã, inventado nos Estados Unidos em 1923, foi um passo. Mais magras, pois assim ditava a moda, as mulheres recorriam a faixas apertadas para disfarçar os seios. Com a diminuição das saias, anáguas e calçolas foram substituídas. E as meias, antes em frio grosso, foram suplantadas por meias de seda que ao mesmo tempo velavam e revelavam a nudez das pernas (Del Priore, 2011, pp. 106-107).*

Segundo Del Priore, graças à lingerie, o corpo passou a ser objeto estético, fonte de desejo e contemplação, não somente um santuário de pudores e comedimento. Fácil perceber que essa mudança trouxe o prazer à vida da mulher, desmistificando certas percepções sobre seu corpo, como a menstruação vista anteriormente como veneno e doença. Abre espaço ao erotismo, com a valorização do uso de cosméticos, dos cuidados de si, com o ingresso gradativo da higiene íntima (valorizava-se anteriormente os odores dos genitais femininos como elemento erótico para o homem) e a depilação das zonas erógenas.

Na segunda metade do século XX surgem movimentos sociais que propunham a liberdade de expressão, o fim do controle rígido do Estado e da medicina sobre o corpo e a individualidade e liberdade absoluta do indivíduo como dono do seu corpo e gestor de sua existência. Ocorre a união

da tecnologia, ciência e genética para justificar a emancipação do corpo como espaço de livre expressão dos desejos, ideias e posicionamentos ideológicos. O corpo é visto como último território a ser explorado.

Segundo Sant'Anna,

*mas se o casamento entre genética e a informática permitiu o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o prolongamento e a melhoria da qualidade de vida, ele também não deixou de fomentar tendências ligadas a um neo-eugenismo e a um comércio desenfreado de partes microscópicas do corpo, tanto de humanos, como de animais e vegetais. Comércio do corpo e produção de seres transgênicos: quanto mais partes do corpo tornam-se “materiais de exploração e de investigação”, menos o corpo é preservado dos interesses e ações comerciais (Sant'Anna, 2004, pp. 18-19).*

O mercado capitalista assumiu a função de fomentar a exploração do corpo ao propor um conjunto de técnicas que estivessem em função de um saber pautado na “qualidade de vida”, na liberdade individual, na beleza e juventude perenes, no retardamento da velhice, etc. Tais regras teve o objetivo de dar forma e materialidade a tal ideologia; o sistema utilizou a Indústria Cultural orientado pelas mídias a fim de produzir bens simbólicos (bens de consumo) que devem ser obtidos e consumidos a todo o momento. O corpo e a subjetividade mudam de um conceito de alma e carne para um produto a ser comercializado: deve ser manipulado e instrumentalizado constantemente (seguindo a mudança violenta dos valores comerciais) em função da noção de um sujeito moderno, inovador e autônomo.

Reforça Sant'Anna nesse sentido,

*na verdade, numa sociedade em que o corpo se tornou um ente tão importante quanto outrora fora a alma, é pela aparência física, sobretudo, que se comprova aquilo que cada um quer mostrar de sua subjetividade. E quando o trabalho de modificação da aparência pode apagar a realidade da idade e das origens sociais, torna-se difícil resistir às propostas da cosmética e das cirurgias plásticas. Mudar a cor da pele, o tamanho do nariz, o volume dos seios etc, seja para estar em sintonia com a moda, seja para se sentir bem, e fazer com que o corpo continue respondendo ao que cada um sonha mostrar de si representa uma promessa de adquirir uma presença no mundo cada vez mais importante (Sant'Anna, 2004, pp. 19-20).*

É perceptível o estranhamento social que se criou sobre os corpos que fogem de tais padrões estéticos. Há certa angústia a se encaixar impositivamente a tais interpretações discursivas, caso contrário o indivíduo sofrerá julgamentos por parte dos demais. Há espaço privilegiado para o corpo malhado, sarado, com formas e proporções simétricas, não há espaço para os gordos, portadores de necessidades especiais que ocupam um espaço marginal e repleto de interdições.

O que se nota é o processo de (re)significação que o corpo sofre durante o século XX, agora visto como ferramenta de produção e de movimento, onde circulam padrões de saberes desenvolvidos simbolicamente pelo mercado. Há uma liberação do corpo para novos gestos de produção e subjetivação, usado pelos mecanismos de poder (moda, mídias etc) para a circulação de padrões homogêneos de beleza, sexualidade, aparência e proporções físicas.



## Bibliografia

- Courtine, J.-J. (2009) *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar.
- Fernandes, C. A. (2012) *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade*. v. 1. São Paulo: Graal.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2006). *Poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2007). *História da sexualidade*. v. 1, 2 e 3. São Paulo: Graal.
- Foucault, M. (2009). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal.
- Foucault, M. (2004). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Maingueneau, D. (2010). *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola.
- Orlandi, E. P. (2007). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Priore, M. D. (2011). *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta.
- Priore, M. D. (2011). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Reale, G. (1991). *História da filosofia*. v. 3. São Paulo: Paulus.
- Reale, G. (2002). *Corpo, alma e saúde: o conceito de Homem de Homero a Platão*. São Paulo: Paulus.
- Sant'Anna, D. B. (1995). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Sant'Anna, D. B. (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Stearns, P. N. (2010). *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto.